



Nietzsche e o “relativismo linguístico” no século XIX¹

Nietzsche and the “linguistic relativism” in XIX century

^[a]Joseane Mara Prezotto, ^[b]Rodrigo Francisco Barbosa²

^[a] Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil

^[b] Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR, Brasil

Resumo

No presente trabalho analisamos a possibilidade de assumir a hipótese segundo a qual haveria indícios da noção geral do “relativismo linguístico” no pensamento de Nietzsche. Essa atribuição do pensamento de Nietzsche ao “relativismo linguístico” implica discutir de maneira específica o conhecimento e os embates do filósofo no quadro de discussão dessa tradição alemã de estudos sobre a linguagem do qual Humboldt é um dos autores centrais. Num exercício de rastreamento de ocorrências de nomes dessa tradição e simplicidade interpretativa, mobilizamos dois argumentos específicos para tentar legitimar essas

¹ Agradecemos de maneira especial a estimada leitura e sugestões do prof. Dr. Rodrigo Tadeu Gonçalves.

² Bolsista Capes

intuições: primeiro analisamos uma possível concepção de tradução de Nietzsche que parece ser um enquadramento às teses de Schleimacher e Humboldt e, segundo, analisamos algumas passagens de obras publicadas de Nietzsche nas quais a tese do “relativismo linguístico” é esboçada quase que categoricamente. Portanto, mais do que realizar uma análise comparativa entre o pensamento de Nietzsche e Humboldt e alguma demarcada influência, o esforço argumentativo que se segue é uma tentativa de colocar em pauta determinados aspectos mais pontuais no tratamento que Nietzsche confere ao tema da linguagem.

Palavras-chave: Nietzsche. Linguagem. Relativismo linguístico. Tradução. Humboldt.

Abstract

In this work we analyze the possibility of assuming the hypothesis that there is evidence of a general notion of “linguistic relativism” in Nietzsche’s thought. This assignment of Nietzsche’s thought to the “linguistic relativism” implies specifically discussion about the knowledge the philosopher had and his dialogues with this German tradition of studies on language which founds in Humboldt one of his main authors. In an exercise of tracking current names connected to this tradition and not overcomplicating the path, we mobilized two specific arguments to try to legitimize these intuitions: first we analyzed a possible conception of translation in Nietzsche that seems to be a framework to Schleimacher and Humboldt theses, and second, we analyze some published passages of Nietzsche in which the thesis of “linguistic relativism” is outlined almost categorically. Therefore, rather than conducting a comparative analysis between the thought of Nietzsche and Humboldt and point to some marked influence, the argumentative effort we have done follows is an attempt to put on the agenda certain more specific aspects of the treatment Nietzsche gives the theme of language.

Keywords: Nietzsche. Language. Linguistic relativism. Translation. Humboldt.

“Quinto Ênio dizia que tinha três corações, pois sabia falar grego, osco e latim.”
(Aulus Gellius, *Noctes Atticae* 17.17)

A hipótese analisada neste artigo é a de que há no pensamento de Nietzsche uma formulação *implícita* sobre o caráter da linguagem referente a determinação/interação *linguagem-pensamento*³ posteriormente conhecida como “hipótese Sapir-Whorf”, que irá caracterizar, grosso modo, o “relativismo linguístico” do século XX⁴. Aceitando inicialmente que a “filosofia de Nietzsche é em grande parte uma teoria e uma filosofia da linguagem”, como sugere por Mauthner (Apud: POENITTSCH, Andreas, In: NIEMEYER, 2014, p. 339.), com as devidas ressalvas, uma vez que não ocorre uma explicitação sistemática acerca desse *estatuto da linguagem*, dois são os argumentos que conectamos a essa hipótese: de um lado há uma possível *concepção de tradução* de Nietzsche que parece ser um enquadramento às teses de Schleimacher e Humboldt; de outro lado, existem algumas passagens de obras publicadas de Nietzsche nos quais a tese do “relativismo linguístico” é esboçada quase que categoricamente. Tais argumentos serão apresentados de acordo com o percurso amplo do texto desenvolvido em três etapas complementares: a) clarificar o “relativismo linguístico”, b) destacar seu *locus* na construção das “visões de mundo” e, b) enfatizar o “aspecto criativo da linguagem”. Portanto, o esforço argumentativo que se segue é uma tentativa de colocar em *punta* determinados aspectos mais pontuais no tratamento que Nietzsche confere ao tema da linguagem.

A formulação *canônica* do relativismo linguístico, de acordo com Gonçalves, não “pode ser encontrada antes dos trabalhos de Sapir e, mais especificamente, Whorf”, ou seja, embora ela seja encontrada de *forma variada* ao “longo da história do pensamento sobre a linguagem” ela não o é, de forma “explícita” até o início do século XX (GONÇALVES, 2008, p. 17). Simplesmente chamada de “hipótese Sapir-Whorf” essa formulação

³ Antes da distinção específica realizada por Saussure entre “Língua” e “Linguagem” no século XX, Nietzsche utiliza apenas o termo “Sprache” no original significando esferas distintas, ora com destaque para a “língua” como idioma, ora como “linguagem” enquanto elemento estruturante do pensamento para realizar sua crítica à tradição metafísica. Cf. NIEMEYER, 2014, p. 339.

⁴ Ao longo desse artigo seguiremos a seguinte sistematização para os elementos de destaque do texto: As aspas indicam principalmente citação ou paráfrase de outros autores; para o destaque de nomes, termos ou expressões que queremos enfatizar, usaremos o itálico como forma de destaque. As citações dos textos publicados de Nietzsche são das traduções de Paulo César de Souza da Companhia das letras.

é assim denominada devido ao fato de ter sido apresentada *explicitamente* pela primeira vez apenas em 1921 por Edward Sapir e, posteriormente, por “seu discípulo Benjamin Lee Whorf (1897-1941)” em 1935 (Idem, 2008, p. 72 e 93). Não entraremos na discussão acerca da importante *problematização* em relação a aceitar ou não o sintagma “hipótese Sapir-Whorf”⁵. Nesse sentido, é preciso caracterizar essa formulação mesmo que em seus termos gerais para compreender o desdobramento de nossa argumentação. Sendo assim, essa formulação que poderia caracterizar o relativismo linguístico é constituída, basicamente, pela afirmação de que “a língua que falamos influencia de alguma forma o modo como pensamos a realidade” ou, nas próprias palavras de Sapir “o instrumento [língua] torna possível o produto [pensamento], o produto refina o instrumento”⁶. Apenas para situar a formulação geral, é preciso reconhecer o cerne da compreensão do relativismo linguístico, bem como o das diferentes “propostas relativistas”: uma vez que há o *pressuposto* de que “a realidade não nos é dada objetivamente”, essa realidade “passa pelo filtro de nossa percepção, e, então, pode ser categorizada e construída pela nossa linguagem” (GONÇALVES, 2008, p. 17). As formas específicas de aprimoramento dessa formulação geral do relativismo linguístico são variadas e parecem revelar a multiplicidade de possibilidades de interpretar a relação entre *pensamento e linguagem* que Sapir inaugura. Neste sentido, o que nos interessa especificamente é trazer à tona determinados elementos do pensamento de Nietzsche com o intuito de enfatizar possíveis similaridades com precursores dessa formulação, como é o caso específico de Humboldt, e tentar salientar, portanto, de que modo o *filósofo do martelo* poderia ser identificado frente ao *clima de opinião*, do período caracterizado pela emergência (da concepção) do relativismo linguístico. Vale lembrar como sintoma de um processo histórico específico, a condenação que Nietzsche recebeu de Wilamowitz-Möllendorf de “acientífico, ignorante e insolente” na ocasião

⁵ Cf. LANDAR (1966), JOSEPH, LOVE & TAYLOR (2001: 16) e ROLLINS (1972) e mais recentemente DEUTSCHER, de modo especial no capítulo 6 intitulado “Crying Whorf” (p. 129-158) em que cita um trecho do *apontamento póstumo* do contexto de 1886 (“e-KGWB 5[22]”, Disponível em: [http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1886,5\[22\]](http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1886,5[22])) de Nietzsche para problematizar a “the prison-house of language” ao salientar que: “we need to abandon the so-called Sapir-Whorf hypothesis, the assumption that languages limit their speakers’ ability to express or understand concepts (...)” DEUTSCHER, 2010.

⁶ “The instrument makes possible the product, the product refines the instrument.” SAPIR, 1921, p. 15. Tradução nossa.

da publicação de *O Nascimento da Tragédia*, cujo efeito foi a criação de uma “imagem” de “inimigo da ciência” e um “consequente muro de silêncio e hostilidade em torno de Nietzsche”⁷, no que tange a seu tratamento da linguagem, tal acusação deve ser considerada a partir do mesmo *tom de malícia* pelo qual Chartterjee examina ironicamente esse quadro histórico de *confisco* pelo qual o filósofo alemão recebe a alcunha de “*fascista, misógino e anti-semita*” mas, nunca – e essa é a principal ironia – a alcunha de “*linguista*”⁸.

Embora a formulação seja posterior, a tese do relativismo linguístico já aparece, na forma de esboço, em pensadores anteriores e contemporâneos a Nietzsche, como no caso dos alemães Hamann, Herder e Humboldt⁹. Nietzsche é devedor dessa tradição alemã dos estudos sobre a linguagem e esse aspecto é de suma importância para o reconhecimento de seu pensamento no interior dessa mesma tradição¹⁰. Neste sentido, os comentários realizados por Nietzsche a estes pensadores são decisivos no reconhecimento do grau de compreensão que ele demonstra acerca dessa tradição¹¹. Johann Georg Hamann, por exemplo, foi um filósofo pietista do século XVIII que se tornou *famoso*, principalmente, por suas “visões radicais e proféticas sobre a língua como possibilidade da mediação entre o homem e Deus” sendo,

⁷ Introdução de Diego Sánchez Meca In: NIETZSCHE, 2013, p. 15.

⁸ “Por que alguém, conhecido como um filólogo de talento, nomeado Professor de Filologia – como o estudo profissional da linguagem era conhecido – na Universidade da Basiléia aos vinte e quatro anos, doutorado com o isento exame de Leipzig, berço da Linguística Comparatista, por que teve Nietzsche tão pouco a ver com a Linguística subsequente?” e ainda: “a única alcunha que Nietzsche não recebeu contra ele foi a de *linguista*” CHATTERJEE Apud: MACHADO, 2011, p. 33.

⁹ “It was posed for the first time, as will be treated below, in the Romantic era by Hamann and Herder, and later by Humboldt.” BEEK, W. *Linguistic Relativism Variants and Misconceptions*. p. 06.

¹⁰ De modo especial: “...Nietzsche se orienta pela ciência da linguagem e pela reflexão filosófica sobre a linguagem suscitadas de forma decisiva por W. v. Humboldt” NIEMEYER, 2014, p. 339.

¹¹ No material consultado do espólio das obras de Nietzsche encontram-se as seguintes menções acerca destes autores, sempre num contexto de crítica quase pessoal ao aspecto “moral” de seus pensamentos: “Hamann” são 6 ocorrências em 6 unidades textuais (1 texto não publicado “A filosofia na época trágica dos gregos”, 2 postumos, 3 cartas); “Herder” são 14 ocorrências em 11 unidades textuais (3 em textos publicados: HDH II, 118 e 125; CW 3, 6 póstumos, 2 em cartas). “Schleiermacher” são 19 ocorrências em 17 unidades textuais (5 em textos publicados: Ext. I, 6; HDH I, 132; HDH II, 216; A, 190; CW, 3; 7 em póstumos, 1 em carta); “Humboldt” são 4 ocorrências em 4 unidades textuais (1 em texto publicado: A, 190; 3 em póstumos [sendo uma relacionada ao irmão cientista Alexander von Humboldt]).

na afirmação de Robert L. Miller, “o primeiro alemão a teorizar sobre a relação entre linguagem e pensamento” (MILLER Apud: GONÇALVES, 2008, p. 45). Grosso modo, a concepção de Hamann é a de que o intelecto é uma espécie de *produto* da língua (Idem, 2008, p. 45). Nesse mesmo sentido, Johann Gottfried von Herder é o pensador que, pelo trabalho “Ensaio sobre a origem da linguagem”, obteve em 1770 a premiação anual da Academia de Berlim. Vale ressaltar que, em uma de suas preleções da época de professor de filologia da Basileia¹², Nietzsche salienta essa premiação de Herder num de seus *levantamentos* acerca da discussão sobre a “origem da linguagem” entre os alemães¹³. Além disso, diferentemente de Hamann, o nome de Herder aparece mencionado em duas obras publicadas de Nietzsche e em uma série de *apontamentos póstumos*. Como é predominante em alguns casos em que Nietzsche estabelece uma relação ambígua com determinado autor, Herder é criticado duramente a ponto de ser submetido a uma espécie de crítica “*ad personam*” o que, conforme salienta Wolfert von Randen, demonstraria um reflexo da “proximidade” entre “ambas as posições [dos autores] em uma série de questões”, a ponto de reconhecermos tal virulência de Nietzsche como um “verdadeiro parentesco a contragosto” (NIEMEYER, 2014, p. 267). Deste modo, nesse caso específico, a principal contribuição de Herder em relação ao relativismo linguístico é o fato de esse pensador *estabelecer* de maneira fundamental a “interdependência importante entre língua e pensamento” (GONÇALVES, 2008, p. 47). É deste modo que, segundo Roger L. Brown, tanto para “Herder como para Hamann” a “língua (...) constituía o próprio *medium* do pensamento”, isto é, ao enfatizarem a “interdependência” entre “língua” e “pensamento” esses autores já estariam esboçando aspectos gerais do relativismo linguístico (Apud: Ibidem, 2008, p. 47).

No caso específico de F. Wilhelm von Humboldt, a importância de seu trabalho parece ser, em certa medida, reflexo da *vastidão* e *complexidade* de sua obra. No âmbito do enquadramento daquela formulação ele parece ser um dos principais pensadores do final do século XIX associado a uma espécie de teorização *avant la lettre* do relativismo linguístico. Não faz parte do escopo deste trabalho analisar a amplitude das “sínteses” realizadas por

¹² “Introdução ao curso de gramática latina” item “IV. Da origem da linguagem”.

¹³ “Na Alemanha – há um pouco mais de cem anos -, a Academia de Berlim pôs a concurso a seguinte questão: ‘Sobre a origem da linguagem’. Foi o escrito de Herder que ganhou em 1770. O homem teria nascido para a linguagem.” NIETZSCHE. Da retórica. p. 95.

Humboldt¹⁴. Salientamos, no entanto, que, ao intercalar os conceitos de “nação”, “raça” e “povo”, permitindo *intercambiá-los* quase que numa fusão sinonímica, Humboldt destaca que a “língua” (*Sprache*) está “diretamente ligada à nação” na medida em que “dá a ela um caráter fortemente constitutivo da atividade mental” (Idem, 2008, p. 54). É curioso notar que a menção a Humboldt é quase nula no texto de Nietzsche. Trata-se de 4 menções no total das quais uma, de um apontamento póstumo, refere-se ao irmão de Humboldt, o cientista Alexander von Humboldt. Isso, certamente, *embaralha* um pouco nossas pistas, exigindo uma melhor clarificação subsequente.

Um dos aspectos fundamentais que desorienta a possibilidade de relacionar Nietzsche e Humboldt numa mera comparação ou relação tradicional de *influência* é o reconhecimento de que o sintagma “hábitos linguísticos”, elemento importante para a formulação de que o “*amalgama* de classificações” que forma o “sistema de valores” de uma língua *determina* “nossa apreensão do mundo” não é, de acordo com J. Penn, utilizado por “W. von Humboldt, a quem é atribuída uma das bases germânicas para a hipótese Sapir-Whorf” (J. PENN Apud: MACHADO, 2011, p. 152). Em contrapartida, o sintagma é recorrente no texto de Sapir como importante elemento da formulação do relativismo linguístico no século XX. O mais interessante neste ponto é que, segundo a ressalva de Isadora Machado, o uso do sintagma por Sapir parece inspirado nas formulações de Nietzsche que denotam exatamente essa espécie de “determinação” por parte dos “hábitos linguísticos” historicamente constituídos, inclusive, na formação dos “conceitos” dos filósofos com os quais o “parentesco linguístico é inevitável”¹⁵. Ademais, essa *desorientação* apresenta-se de modo secundário na medida em que reconhecemos que “Nietzsche se orienta pela ciência da linguagem e pela reflexão filosófica sobre a linguagem suscitadas de forma decisiva por W. v. Humboldt” (NIEMEYER, 2014, p. 339) e aceitamos a indicação de Gonçalves de que “tanto Schleiermacher quanto Humboldt, ou mesmo Schopenhauer e Nietzsche, não dissociavam seus comentários sobre tradução de questões mais profundamente relacionadas com as da natureza da linguagem” (GONÇALVES, 2008, p. 49).

¹⁴ “Humboldt apresenta uma espécie de síntese entre objetivismo e subjetivismo, entre relativismo e universalismo, através de um tipo peculiar de relação entre língua, indivíduo e sociedade.” Idem, 2008, p. 52-3.

¹⁵ Discutiremos esse ponto adiante na análise de BM 20.

Esse conjunto de elementos nos oferece uma ocasião inicial para circunscrever nossos argumentos e situar as possíveis correlações frente ao *clima de opinião* em que está imerso Nietzsche. Deste modo, podemos estabelecer uma correlação entre nuances das concepções de tradução desses autores que teriam como suporte uma espécie de relativismo linguístico. Esse é o argumento a ser desdobrado, afinal: os elementos que compõem o quadro das teses de Humboldt e Nietzsche sobre a linguagem (língua-cultura-subjetividade) remontam a um *argumento de intraduzibilidade* enfaticamente espelhado pela concepção de relativismo linguístico ainda em formação. É assim que a questão da tradução como argumento de comparação entre Nietzsche e Humboldt deve, evidentemente, passar pelo exame, mesmo que sucinto, da tese proferida pelo teólogo alemão Friedrich Schleiermacher em 1813, um dos “mais importantes momentos da teoria da tradução alemã”: a tese “Sobre os diferentes métodos de tradução”¹⁶.

Nessa tese, Schleiermacher apresenta dois “métodos” possíveis de tradução. Dentro do pressuposto do relativismo linguístico, que é seu ponto de partida, um dos “métodos” é *ênfaticado* e o outro, *criticado*. O vínculo com o relativismo linguístico pode ser identificado em passagens de sua tese em que, ora o autor argumenta a partir de uma “versão determinística forte do relativismo linguístico”, como é o caso em “uma pessoa não poderia pensar com total certeza nada o que estivesse fora dos limites dessa língua”, ora, a partir de uma *flexibilidade* maior no “ciclo de influência indivíduo-linguagem-indivíduo”, como salienta Gonçalves citando que, “por outro lado, toda pessoa que pensa de uma maneira livre e intelectualmente independente também forma a língua à sua maneira” (Idem, 2008, p. 49). Ambas as formulações estão de acordo com a pretensão de Schleiermacher de estabelecer o método mais adequado de tradução, aquele que melhor se molda ao pano de fundo do relativismo linguístico. Os métodos apresentados são os seguintes: a) levar o leitor em direção ao texto original ou b) produzir um texto na língua de chegada que simulasse o texto que o autor tivesse escrito nesta língua. A concepção relativista de Schleiermacher faz com que ele critique (b) na medida em que o que é *visto* a partir de uma língua, por meio do que ele chama “força formadora da língua”, não pode ser *visto* pelos olhos do

¹⁶ Em linhas gerais a tese de Schleiermacher seria a seguinte em relação aos possíveis “dois métodos” de se traduzir um texto: Primeiro método. Aproximar o leitor do texto original; Segundo método. Aproximar o texto original do leitor. Ibid. op. cit., p. 48.

outro, mesmo com o auxílio de sinônimos supostamente correspondentes nas diversas línguas (Idem, 2008, p. 50). Intercambiar palavras semelhantes em línguas distintas seria no mínimo “semanticamente incomensurável”, para Schleiermacher. Exatamente por esse motivo é que ele critica o método de tradução que, ignorando essa incomensurabilidade, *tenta colocar as palavras do autor numa outra língua que não a sua*. Deste modo, o único procedimento mais coerente diante dessa concepção do relativismo linguístico, seria (a), ou seja, um método de tradução que consiste num “movimento criativo que expande os limites da língua, estética, estilística, lexical e gramaticalmente” levando o leitor até o mais próximo possível da língua original (Idem, 2008, p. 50).

Diante dessa concepção, as possibilidades do uso inventivo da linguagem fornecem a Nietzsche uma ocasião extremamente interessante de crítica dos preconceitos cristalizados na linguagem pela tradição. Toda pretensão de *universalidade dos conceitos* que o âmbito da “supra-individualidade”¹⁷ ofereceria é instrumentalizada em crítica por meio de um *uso inventivo da linguagem*. Ao mesmo tempo em que testa os limites da linguagem e da comunicabilidade, Nietzsche “de-moraliza” (*entmoralisiren*) a linguagem, levando às últimas consequências a produção de completos “mal entendidos” e alargamento das “margens de atuação” (*Spielräume*) para interpretação¹⁸.

Assim, um dos termos usados nos textos publicados de Nietzsche que mobilizam essa possibilidade interpretativa de *argumento de intraduzibilidade* é o termo alemão “übersetzen”. Utilizado tanto no livro V de *A Gaia Ciência* em relação *aos processos de tradução da consciência animal*, quanto no aforismo 28 de *Além do bem e do mal*, estritamente no sentido da tradução de um livro de uma dada cultura, em ambos os casos o termo “übersetzen” é articulado para enfatizar o aspecto inevitável de perda nos processos de tradução. É curioso

¹⁷ Werner Stegmaier destaca três níveis desse problema da comunicabilidade em Nietzsche: 1) âmbito da “individualidade” que seria uma espécie de *texto-singular* ilegível ao *outro*; 2) o âmbito da “inter-individualidade” que seria o nível da comunicabilidade dos signos em comum, da sociabilidade; e, por fim, 3) o âmbito da “supra-individualidade” que seria essa suposta dimensão (exigida pela tradição) para além das individualidades e inter-comunicação individual numa esfera metafísica. Cf. STEGMAIER, 1995.

¹⁸ Devido às limitações desse trabalho não discutiremos essa questão em seu pormenor. No que se refere a “*Gemeinbeit*” (“comum” e “vulgar” da linguagem) e “projeto de inversão da compreensibilidade” Cf. VIESENTEINER, 2013, p. 215-256 e, em relação a “moralização” e “de-moralização” da linguagem Cf. GARCIA, 2011. Nossa desconfiança é que toda a complexa discussão de Nietzsche acerca da “comunicação das vivências internas” e seu *experimento* de construção de subjetividade passa inevitavelmente pelo pressuposto do relativismo linguístico e do *uso criativo da linguagem*.

notar que no mencionado aforismo de *Além do bem e do mal*, Nietzsche, ao avaliar e julgar determinadas traduções, deixa entrever a mesma distinção valorativa apresentada na tese por Schleiermacher: uma vez que o critério para Nietzsche seria o tradutor captar o “tempo do seu estilo” que, segundo ressalta, seria “o tempo médio do ‘metabolismo’” que “tem origem no caráter da raça”, de um lado, teríamos, traduções que, embora “honestas”, não passariam de “falsificações... e vulgarizações involuntárias do original” e, do outro lado, aquilo que Nietzsche destaca positivamente como sendo uma “maliciosa percepção artística” de produzir por meio da tradução o “tempo”, ou seja, o “andamento” *fisiológico musical* de cada língua específica (BM 28). Essa distinção parece muito próxima à tese de Schleiermacher na medida em que enfatiza as diferenças entre as línguas que só podem ser minimizadas por meio de um *uso inventivo da linguagem*. Desse modo, o argumento central que viabiliza compreender o *argumento de intraduzibilidade* a partir de uma interpretação do relativismo linguístico é uma passagem de um aforismo de *Além do Bem e do Mal* em que Nietzsche discute justamente o *problema da tradução*: “O alemão é praticamente incapaz do *presto* em sua língua: portanto, pode-se razoavelmente concluir, é também incapaz de muitas das nuances mais temerárias e deliciosas do pensamento livre” (Idem, Ibid.). Mesmo o argumento não sendo uma radical defesa da *intraduzibilidade*, a relação *língua-pensamento* é, embora mobilizada apenas pelo elemento “tempo”¹⁹, imprescindível no que tange à compreensão de uma espécie de relativismo linguístico. Desta forma, sem a intensificação de determinados procedimentos de “percepção artística” da língua, como Nietzsche recomenda neste aforismo, as diferentes línguas expõem claramente os limites de sua compreensão do mundo, limites esses refletidos na dificuldade de simples intercâmbio de sinônimos em uma tradução.

Um dos índices práticos do grau de radicalidade do *argumento de intraduzibilidade* de Nietzsche parece ser o uso característico que o filósofo faz de termos específicos de outras línguas, mantendo-os em sua nomenclatura

¹⁹ É importante destacar nesse aspecto um decisivo trabalho realizado por Nietzsche, como professor de filologia clássica, que examina criticamente a diferença entre o “metro” grego e “medida” moderna. Nesse texto Nietzsche explora o elemento da “alogia” do metro grego como aspecto rítmico-musical que no âmbito fisiológico permite explorar o elemento pulsional que a figura do “dionisíaco” ofereceria aos gregos. Quando Nietzsche posteriormente e de modo sutil irá ressaltar o “tempo dos signos” como um “comunicar uma tensão interna de *pathos* por meio de signos” (EH, Porque escrevo tão bons livros, 4) parece, a nosso ver, que é o mesmo tipo de “busca de efeito” compreendida aqui. Cf. CORBIER, 2009, p. 01-38.

da língua original sem indicar tradução, por exemplo, termos como “par excellence”, “nuance”, “amour-paission”, “décadent”, etc. Para além da específica intenção *estratégico-argumentativa* de cada termo no contexto de argumentação em que ele se insere, a instrumentalização destes termos estrangeiros parece ocorrer sempre num âmbito de produção de *distanciamento do leitor* pelo qual a introdução de um *signo* estranho implode uma possibilidade imediata de apreensão e *identificação do leitor* com o conteúdo ali exposto. Trata-se de um “uso” dos “signos” em radical oposição a “desindividualização do pensamento” da tradição no “projeto” de Nietzsche de “inversão do problema da compreensibilidade” em que, para desqualificar a herança metafísica de pretensão de validade universal de um conceito ou argumento, Nietzsche intensifica um processo de “individualização do pensamento” que permite a existência do “estranho”, do “singular” na filosofia (VIESENTEINER, 2013, p. 220). Ao mesmo tempo em que distancia, o procedimento lança o leitor às condições próprias da língua original. Um dos casos mais intrigantes em que isso parece ocorrer radicalmente, muito bem salientado por Garcia (KSA 11, 37[1], págs. 575-6 In: GARCIA, 2011, p. 36), é o caso do “amigo Satis” de um *apontamento póstumo* do contexto de aforismos de *Além do Bem e do Mal* cujo termo em latim, “Satis”, é utilizado em simultânea produção de *desvio* e *distanciamento* em relação a seu possível leitor. No caso do leitor conhecedor de Latim a compreensão é aproximadamente uma (prevista por Nietzsche), mas, caso o leitor não conheça essa língua e o contexto da frase tomada de empréstimo de Sêneca²⁰, e apenas se concentre de imediato

²⁰ “Mesmo não sendo um nome genuinamente germânico, Satis permanece mera personagem, um amigo fantasiado por Nietzsche e a quem foi atribuído a compreensão do livre fluxo da sua linguagem; personagem com quem compartilha seu pensar e filosofar. Logo depois da interrogação ao leitor, ele inscreve a frase em latim e repete a palavra, agora como mero sujeito gramatical. Para um não leitor do latim, Nietzsche conseguiria um efeito comunicativo oblíquo: sem o conhecimento da palavra, *Satis* seria apenas uma figura qualquer, a qual não é mais tratada pelo filósofo, no restante do póstumo, como tal, e com esse recurso ele produziria não só certa irritação no leitor, supondo que ele queira saber quem é tal amigo, sobretudo, porque força um deslocamento da figura que articulava a comunicação, já que *Satis* perde a centralidade no decorrer do texto, migrando agora para o questionamento do *concordar* (*übereinstimmen*), enquanto fundamento da interação leitor-escritor. Já para um leitor do latim, a frase traria um efeito retórico ímpar: a (figura retórica da) repetição. *Satis* é um advérbio latino que significa justamente “bastante, assaz”, como consta, aliás, do próprio original em alemão, marcado ali com o verbo *genügen*. Assim, o que Nietzsche escreve, no fundo, é algo como “para mim basta já o meu amigo bastante.” Ibidem, 2011, p. 32.

na substantivação da palavra como um nome próprio, a compreensão é aproximadamente uma outra (também prevista pelo filósofo).

No que se refere a relação *pensamento-linguagem*, embora Nietzsche teça inúmeras críticas e comentários ácidos a Herder e, especialmente a Humboldt, em relação à moralidade e sobre questões de estilo, a compreensão de que a linguagem é um “órgão formativo do pensamento” é muito similar à concepção de ambos os autores dessa tradição (UNDERHILL, 2009, p. 59). Até mesmo o emprego de muitos “vivos termos orgânicos” no caso da relação Humboldt-Nietzsche é muito característico²¹. Neste sentido, a noção que orienta essa compreensão, em Humboldt por exemplo, é a noção de “Weltansicht” que, em Nietzsche, ganha contornos de radicalização do aspecto gramatical da estrutura das línguas e sua determinação metafísica do pensamento, obviamente sem o emprego específico do termo (Weltansicht), conforme veremos. Na medida em que a “Weltansicht” de Humboldt consiste “na capacidade que a linguagem nos confere de formar os conceitos pelos quais pensamos e que necessitamos para a comunicação”²², em Nietzsche essa dimensão é identificada como “filosofia da gramática” ou mesmo “gramática”²³ no sentido em que é uma estrutura interna da própria linguagem que determina e modela os pensamentos.

Existem trabalhos que buscam caracterizar aproximações possíveis entre as concepções de Humboldt sobre o conceito de “Bildung” e o “Bildungsprogramms” dentro do quadro de elaboração da “nova tarefa” da “filologia” pensada por Nietzsche²⁴. No entanto, o que é enfatizado parece ser exatamente o âmbito geral da “cultura” (*Bildung*) e a linguagem aparece desfocada nessa teia complexa em que estão imbricadas *lingua, cultura e subjetividade*. Uma das principais interrogações que mobilizam esse nosso trabalho é a seguinte: seria possível assumir algum tipo de relativismo linguístico em Nietzsche, balizado, no entanto, por intenções e propósitos mais “filosóficos” que puramente “linguísticos”, tal que esse aspecto teria impedido a visibilidade do *peso* e importância do relativismo linguístico no

²¹ “Humboldt spoke of language (Sprache) in very vivid organic terms: and this as not simply a stylistic flourish” Idem, 2009, p. 58.

²² “A Weltansicht constitutes the individual form or nature of the language (...) is the capacity which language bestows upon us to form the concepts with we think and which we need in order to communicate” Idem, 2009, p. 56. [Tradução nossa].

²³ Respectivamente “Philosophie der Gramatik”, “Gramatik”: BM 20, 34 e 54.

²⁴ Especialmente, GENTILI, 2010.

seu próprio contexto de formação no século XIX? Antes de arriscar uma suposição, gostaríamos introduzir uma questão, cujas pistas mais interessantes talvez sejam as noções de “Weltanschauung” e “Weltansicht”.

James Underhill em seu “Humboldt, Worldview and language” apresenta um breve relato sobre a origem de uso dos termos “Weltanschauung” e “Weltansicht”. Segundo esse autor, embora Humboldt “tenha utilizado o termo” Weltanschauung “no início do século XIX”, não teria sido ele o primeiro a utilizar o termo na tradição alemã²⁵. O principal responsável pelo uso inicial do termo “Weltanschauung”, segundo Underhill citando James Or, seria Immanuel Kant, que, “duas gerações antes” de Humboldt, fez uso pela primeira vez do termo (Ibidem, 2009, p. 54). No mesmo trecho, citando Naugle, Underhill especifica que uma vez relacionada a noção de “conceito mundo” (world concept “*Weltbegriff*”) a *Weltanschauung* em Kant funcionaria como “uma ideia da razão pura para trazer a totalidade das experiências humanas para dentro da unidade do mundo-como-um-todo” ou o “*das Weltganze*”²⁶. Para além do desdobramento do uso do termo nessa tradição alemã, o que é importante ressaltar sobre a noção de “visão de mundo” como “Weltanschauung” - como destaca Underhill identificando as pesquisas do filólogo Victor Klemperer, é que o “estudo das transformações do discurso político alemão” e da “conversação cotidiana” demonstra “o modo pelo qual linguagem e ideologia estão ligadas”²⁷. É justamente nesse sentido que, no contexto dessa tradição, uma *Weltanschauung* seria uma “visão de mundo no sentido de concepção ou ideologia”, isto é, “são afirmações sobre a natureza do mundo e nosso lugar nele” como assevera Trabant (Apud: Ibidem, 2009, p. 55). Neste sentido, é a peculiaridade de *Weltansicht* que nos permite pensar uma diferenciação entre *Weltanschauung* e *Weltansicht* como na designação de Trabant: enquanto Weltanschauung como “visão de mundo” seria uma “afirmação” da natureza do mundo etc., Weltansicht seria, como uma “visão de mundo”, uma *configuração dos conceitos que permite o pensamento conceitual*, ou seja, uma “forma ou natureza individual da linguagem”, uma “capacidade que

25 “Humboldt used this term at the beginning of nineteenth century” e “But Humboldt was not the first to do so” Ibidem, 2009, p. 54. [Tradução nossa].

26 “functioned as an idea of pure reason to bring the totality of human experience into the unity of the world- whole, or Weltganze” (sic, Naugle 2002: 9; the correct term would appear to be das Weltganze) Ibidem, 2009, p. 54. [Tradução nossa].

27 KLEMPERER, Victor (1996), *LTI: la langue du IIIe Reich*. Paris: Albin Michel. Apud: Ibidem, 2009, p. 54.

a linguagem nos concede para formar os conceitos com os quais pensamos e que necessitamos para nos comunicar”²⁸. Essa distinção, para além da disputa do “projeto linguístico” entre tradições germânicas e norte americanas do século XX, parece-nos um ponto interessante para reconduzir os argumentos de Nietzsche no que se refere ao relativismo linguístico.

Em quase toda a discussão de Nietzsche sobre o *estatuto da linguagem*, encontramos sempre uma ênfase do caráter *limitado da linguagem*. A linguagem é limitação na medida em que impede, por exemplo, um procedimento de autoconhecimento corpóreo como no aforismo 115 de Aurora²⁹. No mesmo sentido, a linguagem é compreendida de tal forma limitada que sua própria história, para Nietzsche, seria a história de “um processo de abreviação” como no aforismo 268 de *Além do bem e do Mal*. No entanto, *pensamento e linguagem* são dispostos numa *relação de interdependência* tão sutil e complexa que, desde o “poema de nossa invenção” do livro IV d’*A Gaia Ciência*³⁰ até a concepção de que o “pensamento é, da mesma forma que a palavra, apenas um signo”, proveniente de um *apontamento póstumo* tardio (KSA 9, 6 [253] p. 263 apud: VIESENTEINER, 2013, p. 226 [Tradução do autor]), torna-se difícil não aproximar o pensamento de Nietzsche àquela tradição alemã em que o relativismo linguístico está em formação. O que é mais interessante, e que confere certa novidade à concepção de Nietzsche, parece ser o deslocamento que ele efetua em relação a “compreensibilidade” e seus problemas no interior da resultante “moral” de conceber *pensamento e linguagem*, ou seja, a estrutura da linguagem que de certa maneira “determina” o pensamento é por si mesma *simplificadora* na medida em que é reconhecida como aspecto determinante de conservação e exigência mínima de regulação da comunidade sobre aquilo por meio de que um “povo” consegue se entender (BM 268). Ademais, uma das passagens que mais visivelmente toca esta questão da determinação “pensamento e linguagem” é o aforismo 20 de *Além do bem e do mal*. Vale lembrar que o interprete Robert P. Pula, em seu pequeno ensaio

²⁸ “A Weltansicht constitutes the individual form or nature of the language (but also, in a deeper sense, its meaning too). A worldview-as-Weltansicht is the capacity which language bestows upon us to form the concepts with which we think and which we need in order to communicate.” Ibidem, 2009, p. 56. Tradução nossa.

²⁹ “A linguagem e os preconceitos em que se baseia a linguagem nos criam diversos obstáculos no exame de processos e impulsos interiores” A, 115.

³⁰ “Nós, ‘os pensantes-que-sentem’, somos os que de fato e continuamente *fazem* algo que ainda não existe” GC, 301.

intitulado “The Nietzsche-Korzybski-Sapir-Whorf Hypothesis?”, utiliza-se deste mesmo aforismo 20 de *Além do bem e do mal* na tentativa de legitimar uma espécie de continuidade entre os pensadores Nietzsche-Korzybski-Sapir-Whorf em relação à tese do relativismo linguístico (Cf: PULA, 1992). Neste aforismo, Nietzsche coloca a questão central da determinação linguística do pensamento sob os termos do que ele chama “filosofia da gramática” ou, mais especificamente, “o domínio e direção inconsciente das mesmas funções gramaticais” que *modelam e determinam* o pensamento conceitual das línguas. Essa capacidade, esse “domínio e direção inconsciente”, remete de maneira muito particular àquela especificação mencionada acerca da noção de *Weltansicht*, ou seja, a de uma “capacidade que a linguagem nos concede para formar os conceitos”. A suposta “evolução e sequência dos sistemas filosóficos” enfatizados por Nietzsche, parece localizada exatamente no quadro geral daquele relativismo linguístico cuja variável “independente” é a “língua” e a “dependente”: “a *experiência, as crenças, a percepção, a visão de mundo, os conceitos*”, assim, se a língua é outra (“uralo-altaico”), são outras as resultantes (“com toda probabilidade olharão ‘pra dentro do mundo’ de maneira diversa” (BM 20): experiências, crenças, percepções, visões de mundo e conceitos.

Portanto, se, de acordo com o exposto, é possível identificar em Nietzsche uma tal formulação *implícita* próxima do relativismo linguístico no que se refere à *determinação/interdependência* específica da linguagem em relação ao pensamento, então poderíamos, ainda em conexão com Humboldt, destacar uma das saídas de Nietzsche frente a esmagadora e sufocante compreensão do relativismo linguístico própria de certas recepções deterministas/ideológicas do século XX, tal como destaca Gonçalves em relação a Humboldt (GONÇALVES, 2009, pp. 184-191): segundo nosso modo de ver, é o “aspecto criativo” e inventivo da linguagem que permite ao filósofo alemão contornar o impasse de uma suposta determinação radical que a linguagem exerceria sobre o pensamento e liberá-lo, desse modo, para experimentação permanente. Aqui, como em Górgias, para quem a linguagem é “veneno e antídoto”, ou seja, “*pharmakon*”, seu *aspecto criativo*, ao ser instrumentalizado, passa a ser uma “constante guerra” (MACHADO, 2011, p. 62) e *produção de efeito no mundo*³¹.

³¹ Esse “aspecto criativo” da linguagem é o que nos interessa seguir pesquisando em ocasiões futuras.

Referências

BEEK, W. **Linguistic Relativism Variants and Misconceptions**. p. 06. Disponível em: <<http://staff.science.uva.nl/~bredeweg/pdf/BSc/20052006/Beek.pdf>> Acesso em Dezembro de 2013.

CORBIER, Christoph. **Alogia et eurythmie chez Nietzsche**. In: Nietzsche-Studien. Band 38, Pages 1–38, 2009, DOI: <<http://10.1515/9783110208924.1.1>>.

DEUTSCHER, Guy. **Through the language glass: why the world looks different in other languages**. 1st ed. Metropolitan Books, New York, 2010.

DWB = **Deutsches Wörterbuch von Jacob und Wilhelm Grimm**. 16 Bde. in 32 Teilbänden. Leipzig 1854-1961. Quellenverzeichnis Leipzig 1971. Disponível em: <http://woerterbuchnetz.de/cgi-bin/WBNetz/wbgui_py?sigle=DWB&lemid=GU01823> Acesso em Abril de 2015.

GARCIA, André Luis Muniz. **Vermoralisierung e Entmoralisierung: Da linguagem da moral ao caráter extra-moral da linguagem: as diretrizes de Nietzsche para um novo modo de pensar e escrever em filosofia**. Campinas, SP: [s. n.], 2011. Tese de Doutorado disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000796319>> Acesso em Abril de 2015.

GENTILI, Carlo. **Nietzsche Kulturkritik zwischen Philologie und Philosophie**. Basel, 2010.

GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. **Perpétua prisão órfica ou Ênio tinha três corações: o relativismo linguístico e o aspecto criativo da linguagem**. UFPR, 2008. (Tese de Doutorado) Disponível em: <<http://www.usp.br/verve/coordenadores/rgoncalves/tese-rgoncalves.pdf>> Acesso em Dezembro de 2013.

JOSEPH, E. John; LOVE, Nigel; TAYLOR, Talbot J. **Landmarks in linguistic Thought II**. The Western Tradition in the Twentieth Century. London: Routledge, 2001.

LANDAR, Herbert. **Language and Culture**. New York: Oxford University Press, 1966.

MACHADO, Isadora Lima. **Para além das palavras e das coisas : Friedrich W. Nietzsche e as Ciências da Linguagem**. Universidade Estadual de Campinas . Instituto de Estudos da Linguagem. Dissertação (Mestrado). Campinas, 2011. Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000795611&fd=y>>
Acesso em Dezembro de 2013.

NIEMEYER, Christian (Org). **Léxico Nietzsche**. Edições Loyola, São Paulo, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe**. Disponível em: <<http://www.nietzschesource.org/#eKGWB> >. Acesso em: 9 Jan. 2015.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Sämtliche Werke: Kritische Studienausgabe in 15 Bänden**. Hrsg. Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin/New York: DTV & Walter de Gruyter, 1980.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras completas**. Volumen II, Escritos Filológicos. Tecnos, Madrid, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Gaia Ciência**. Companhia das Letras, São Paulo, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal**. Companhia das Letras, São Paulo, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim Falou Zarathustra**. Companhia das Letras, São Paulo, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Aurora**. Companhia das Letras, São Paulo, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce Homo**. Companhia das Letras, São Paulo, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Gaia Ciência**. Companhia das Letras, São Paulo, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da Moral**. Companhia das Letras, São Paulo, 1998

PULA, Robert P. **The Nietzsche-Korzybski-Sapir-Whorf hypothesis?** Spring – Et cetera p. 50-57, 1992.

ROLLINS, Peter. **The Whorf Hypothesis as a Critique of Western Science and Technology**. American Quaterly, Vol. 24, nº 5, p. 563-583, 1972.

SAPIR, Edward. **Language**. An introduction to study of speech. Harcourt, Brace and Company, New York, 1921. <<https://archive.org/stream/languageanintrod00sapi#page/n5/mode/2up>> Acesso em Fevereiro de 2015.

STEGMAIER, Werner. **Philosophieren als Vermeiden einer Lehre**: Inter-individuelle Orientierung bei Sokrates und Platon, Nietzsche und Derrida. In: SIMON, Josef (Hrsg.). Distanz im Verstehen: Zeichen und Interpretation II. Frankfurt am Mai; 1995.

UNDERHILL, James W. **Humboldt, Worldview and Language**. Edinburgh University Press, George Square, 2009.

VIESENTEINER, Jorge Luiz. **Nietzsche e a vivência de tornar-se o que se é**. Campinas, SP. Editora PHI, 2013.

Joseane Mara Prezotto

Doutoranda em Linguística, e-mail: joseane.prezotto@gmail.com

Rodrigo Francisco Barbosa: Doutorando em Filosofia, e-mail: semcentro@gmail.com

Recebido: 12/02/2014

Received: 02/12/2014

Aprovado: 28/04/2014

Approved: 04/28/2014